

ISOP - INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS E PESQUISAS PSICOSSOCIAIS - EDITORA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS

TEXTOS

DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PSICOLOGIA

**PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO**

**Influências das condições
de atendimento das creches
no desenvolvimento cognitivo
e emocional das crianças**

Marion Merlone dos Santos Penna

P/ISOP
CPGP
T
3



3

I S O P
Instituto Superior de Estudos e Pesquisas
Psicossociais

Centro de Pós-Graduação em Psicologia

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

**Influências das Condições de Atendimento das Creches
no Desenvolvimento Cognitivo e Emocional das Crianças**

Coordenadora:

Marion Merlone dos Santos Penna

Colaboradoras:

Dominique Colinvaux

Leila Sanchès de Almeida

Maria Vitoria de Carvalho Pardal

Rio de Janeiro
1985

TEXTO DO CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Nº 3 - 1985

EXPEDIENTE:

DIRETOR: Franco Lo Presti Seminério

COORDENAÇÃO: Athayde Ribeiro da Silva

BIBLIOTECA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

1638/87
14.12.87.

Direitos reservados desta edição à Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo, 190 - CEP 22.253
C.P. 9.052-CEP 20.000
Rio de Janeiro - Brasil

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra
Copyright (c) da Fundação Getúlio Vargas

Ficha Catalográfica

Psicologia do desenvolvimento: influências das condições de atendimento das creches no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças / Coordenadora: Marion Merlone dos Santos Penna: colaboradoras: Dominique Colinvaux, Leila Sanches de Almeida, Maria Vittoria de Carvalho Pardal. - Rio de Janeiro: ISOP, Centro de Pós-Graduação em Psicologia, 1985.

55p. : il. - (Texto do Centro de Pós-Graduação em Psicologia: 3)

Bibliografia: p. 54-55.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Crianças - educação em Instituições - Aspectos psicológicos. 3. Cognição nas crianças. 4. Creches. I. Penna, Marion Merlone dos Santos. II. Colinvaux, Dominique. III. Almeida, Leila Sanches de. IV. Pardal, Maria Vittoria de Carvalho. V. Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais. Centro de Pós-Graduação em Psicologia. VI. Título. VII. Série.

CDD - 155.413

CDU - 159.922.7

INFLUÊNCIA DAS CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO DAS CRECHES NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DAS CRIANÇAS

Marion Merlone dos Santos Penna et alii.

I. INTRODUÇÃO

O problema da primeira infância no Brasil assume proporções alarmantes. É de conhecimento geral a importância dos primeiros anos de vida na formação física e mental do indivíduo. O atendimento das necessidades alimentares, intelectuais e emocionais de nossas crianças determinará, sem dúvida, as possibilidades do brasileiro de amanhã.

Vemos, com enorme alegria, a ênfase dada pela Nova República à solução dos problemas sociais sendo, entre eles, a educação de primeira importância. Nenhum programa de alfabetização, entretanto, terá êxito se não for precedido por uma política de amparo à primeira infância.

A questão do trabalho feminino, por sua vez, também se impõe à sociedade. Mais do que uma conquista, se apresenta para a grande massa da população como uma necessidade. Cada vez mais mulheres em idade reprodutiva trabalham o dia todo fora do lar. Um estudo realizado pela Secretaria do Trabalho e Administração do Estado de São Paulo sobre a mão-de-obra feminina empregada nas indústrias da capital, e analisado por Maria Machado Malta Campos, indica que dentre 500 trabalhadores de diferentes níveis, 21,6% deixaram os filhos pequenos sozinhos em casa. A percentagem aumentava entre as trabalhadoras braçais: 30%. Infelizmente, a prática de deixar criança pequenas trancadas em barracos ou aos cuidados de irmãos pouco mais velhos é muito mais utilizada do que se poderia supor. É preciso buscar soluções!

Uma das alternativas para esse quadro dramático é, sem dúvida, a creche. Mas que creche? Qual o modelo de atendimento adequado à nossa população? É fundamental, no presente momento, conhecer o tipo de serviço que vem sendo oferecido, assim como seus possíveis efeitos sobre

as crianças para, então, pensar em formas criativas e viáveis de atendimento à infância de modo adaptado à nossa realidade social.

Preocupado com a quase inexistência de pesquisas nacionais que abarquem essa problemática, o Programa de Pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento (P.P.P.D.) da Fundação Getúlio Vargas optou pelo estudo do tema, sendo o presente artigo, fruto da primeira pesquisa concluída.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo fundamenta-se nos estudos teóricos de Jean Piaget e John Bowlby.

Considerando-se a faixa etária das crianças estudadas - de 06 a 24 meses - a observação do desenvolvimento cognitivo, foi orientada de acordo com os princípios teóricos de Jean Piaget, mais especificamente, segundos as orientações do período sensório-motor.

O período sensório-motor é de fundamental importância para o desenvolvimento. Suas realizações formam a base de todos os processos cognitivos do indivíduo. Os esquemas sensório-motores são as primeiras formas de pensamento e expressão, são padrões de comportamento generalizado e repetíveis que podem ser aplicados a diferentes objetos em diferentes contextos.

O primeiro esquema (característico da segunda etapa) é a "reação circular primária". Ela vem a ser a repetição de uma série de respostas sensório-motoras (inicialmente feitas ao acaso), em função de um resultado obtido, o que, graças à assimilação, permite o fortalecimento das respostas. Esta é a fase em que as ações ou operações de deslocamento da criança são efetuadas mediante "grupos práticos" - através da coordenação motora sem dar origem à representação mental. Quanto à noção de espaço, ainda não há percepção de interação entre os espaços oral, visual, tátil, auditivo e cenestésico. E a imitação vai além de choro simpático do primeiro estágio, de modo a incluir imitações de ações que a criança já descobriu por si mesma.

O surgimento das "reações circulares secundárias" - movimentos centralizados sobre um resultado produzido no ambiente exterior com o único propósito de mantê-lo -

caracteriza a terceira etapa. Pela primeira vez, aparece um elemento de previsão de acontecimentos. Surge também a capacidade de imitação de gestos conhecidos pela criança, com exceção dos que ela não pode ver a si própria fazendo. Passos decisivos são dados quanto à noção de permanência do objeto: as crianças têm as primeiras antecipações de movimentos relacionados à trajetória de um objeto e já conseguem distingui-lo quando semi-oculto. No terreno espacial, a criança mostra-se capaz de perceber de modo prático um conjunto de relações centralizados em si própria (grupos subjetivos). Começa a formar-se a noção de sucessão e há início da consciência de "antes" e "depois". Há alguma apreciação, de causalidade, sem ligação com as ações imediatas da criança, na procura das causas de acontecimentos e percepções inesperados.

A novidade essencial da quarta etapa é a busca, pela criança, de um fim não imediatamente atingível através da coordenação de esquemas secundários. Já é possível a imitação de respostas que a criança não vê em si própria. Na atividade lúdica, há o começo da subordinação dos meios aos fins. Quanto à construção de objeto, já há a busca de objetos ocultos atrás de um anteparo, apesar da procura sempre recair no primeiro anteparo usado para esconder o objeto. Ao lidar com relações espaciais, a criança se mostra numa situação intermediária entre grupos subjetivos e objetivos, examinando a constância dos objetos. Quanto à compreensão de seqüências temporais, ela começa a lembrar-se de uma seqüência de acontecimentos ordenados. E com relação à causalidade, deixa de considerar suas próprias ações como única fonte de causalidade e considera o corpo de alguma outra pessoa como um centro autônomo de atividade causal, apreciando o arranjo espacial necessário para a ação bem sucedida.

Com a quinta etapa, a atividade imitativa apresenta a imitação deliberada e a atividade lúdica apresenta a "reação circular terciária", onde a criança explora objetos desconhecidos por todos os meios que conhece (pegar, levantar, soltar, sacudir, e repetições destes esquemas). Há descoberta de atuação sobre os objetos por meio de intermediários, o início do reconhecimento de que os objetos podem causar fenômenos independentemente de sua ação e um domínio sobre objetos ocultamente visíveis. Leva em conta relações espaciais, conseguindo fazer grupos espaciais objetivos: a

criança estudo não mais sua ação, mas o objeto. Tem interesse por equilíbrio, posição e pela relação entre conteúdo e recipiente. Começa a ter percepção de certa sucessão no tempo e a memória mais prolongada de uma sequência de deslocamentos.

Na sexta etapa, a criança começa a inventar e descobrir. Ela começa a ser capaz de representar o mundo exterior mentalmente em imagens, memórias e símbolos que é capaz de combinar sem fazer outras ações físicas. Na atividade lúdica, tem a capacidade de "fingir", fazer "como se", que são condutas substitutivas. É o "símbolo motivado". Ao seu lado, aparece a "imitação diferida". A criança já é capaz de perceber que os objetos são permanentes, dominando os ocultados invisivelmente. Igualmente procura causas que não percebeu. A representação mental estende o tempo a mais do que o passado imediato, entretanto, a sequência de acontecimentos lembrados é isolada. E, no fim do período, a criança já é capaz de se lembrar de acontecimentos mais remotos.

O desenvolvimento emocional foi analisado sob o prisma da teoria etológica de John Bowlby e a abordagem metodológica seguiu os passos propostos por Mary Ainsworth em seu experimento da situação do estranho.

Bowlby foi inicialmente psicanalista, mas um dos seus principais objetivos ao desenvolver a teoria etológica do "attachment" foi rever a noção de que as crianças se vinculam a quem lhes fornece cuidados devido à satisfação da fome. A formulação básica de Bowlby é de que como resultado da pressão da seleção natural no curso da evolução humana, as crianças nascem com um repertório de comportamentos que propiciam uma maior capacidade de sobrevivência ao meio ambiente. Como o bebê humano é incapaz de cuidar de si mesmo, lhe é altamente adaptativo buscar proximidade de contato físico com adultos que possam protegê-lo contra predadores, além de fornecer-lhe comida e cuidados que lhe são indispensáveis à sobrevivência.

Entre os humanos, apesar da capacidade da criança de emitir sinais que atraem o adulto como chorar ou sorrir, é necessário que haja nestes uma tendência complementar de responder a esses sinais. Desta forma, as crianças formarão apego com as pessoas que repetidamente respon-

deram de forma apropriada aos sinais de busca de proximidade emitida pela criança. Ou seja, pessoas com as quais as crianças possam contar para protegê-las e cuidá-las sempre que necessário. Variações, na tendência do adulto a responder pronta e apropriadamente, influenciam nas diferenças individuais da vinculação criança-adulto.

Além da influência sofrida pela biologia evolucionista, Bowlby também levou em consideração a teoria dos sistemas de controle. De acordo com esta aproximação, diferentes comportamentos que servem a uma mesma função ou objetivo são grupados num mesmo conjunto ou sistema de controle. Por exemplo, comportamentos aparentemente díspares como sorrir, chorar ou locomover-se servem todos ao objetivo de manter proximidade com a figura de apego.

Um sistema de controle é ativado quando uma mudança nas circunstâncias ambientais levam o organismo a ajustar seus objetivos a um estado diferente do atual. Tão logo a situação esteja reequilibrada, o sistema interrompe sua ativação.

No caso do apego, o desejo da criança de proximidade ou contato não é constante. Depende de uma variedade de fatores endógenos e exógenos. Entre os endógenos poderíamos citar fadiga, doença, mal-estar físico. Dentre os exógenos, estão as situações ameaçadoras em geral: presença de adulto estranho, ambiente desconhecido, ruído intenso, presença de animais, etc. Sob essas circunstâncias, os comportamentos de promoção de proximidade são ativados. Caso contrário, a criança estará apta a explorar o ambiente e interagir com outros adultos.

Bowlby aponta quatro grandes sistemas de controle: o de apego, que visa buscar proximidade; o de medo, que tem por objetivo evitar situações ou pessoas potencialmente perigosas; o de afiliação, cuja finalidade é a interação social e finalmente o de exploração, que visa a investigação do ambiente não social. A ativação de um desses sistemas inibe o funcionamento dos outros.

Desta forma, ao invés de classificar os comportamentos infantis de acordo com suas similaridades ou discrepâncias morfológicas, Bowlby propõe que a classificação se realize em termos funcionais. Um mesmo comportamento pode ter uma função num dado momento e outra numa diferente

situação. O fundamental é portanto perceber o contexto e realizar uma análise sobretudo qualitativa.

A análise dos comportamentos infantis deve também levar em consideração a fase em que se encontra a criança. O apego em relação ao outro é desenvolvido ao longo de quatro fases distintas. Uma mesma conduta pode ser considerada adequada ou não de acordo com a fase em que a criança se encontra. Na primeira fase (de zero a três meses), o bebê orienta-se em relação a pessoas que estejam em contato com ele e lhes emite sinais (sorri - sorriso reflexo ou social não-seletivo - balbucia, agarra, segue com os olhos, chora e faz gestos), porém, sem discriminar figuras específicas. Na segunda fase (de três a seis meses), a orientação e os sinais do bebê são dirigidos preferencialmente a alguma figura específica (sorri - sorriso social não-seletivo, balbucia, agarra, chora, segue com os olhos e faz gestos preferencialmente a determinada pessoa, embora ele continue a emitir sinais para qualquer pessoa). Na terceira fase (de seis meses a dois ou três anos) a criança, além da sinalização, mantém proximidade em relação a uma figura específica através da locomoção (engatinha ou anda até esta figura), usa esta figura de apego como base para explorar o ambiente em que se encontra e apresenta cautela e medo diante de estranhos (chora ao entrar um estranho, caso se encontre só; agarra-se à atendente na presença de um estranho; grita frente a um estranho; ou se esconde do estranho). E na quarta fase (a partir dos três anos) - que não será objeto de nosso estudo - a criança gradualmente, começa a inferir algo sobre os objetivos da mãe e suas ações.

Uma das maneiras mais difundidas de averiguação da qualidade e intensidade do apego é o experimento de situação do estranho de M. Ainsworth. O experimento se compõe de oito episódios de aproximadamente três minutos cada, envolvendo criança, mãe e/ou estranho. Os episódios são organizados de forma a explicar uma variedade de maneiras através das quais o relacionamento de "attachment" pode se manifestar. As formulações de Bowlby fornecem o referencial teórico, sob o qual os comportamentos emitidos pela criança durante os diferentes episódios são analisados.

Apesar de alvo de numerosas críticas (Kagan, 1982b; Connell, 1976; Lamb et al. in press-b) o sistema desenvolvido por Ainsworth tem sido tão amplamente utilizado

que o termo "qualidade do apego" tornou-se sinônimo de classificação na situação do estranho".

Muitos estudos têm sido desenvolvidos com o objetivo de se avaliar as possíveis relações entre a ligação mãe-filho, o desenvolvimento infantil e as instituições de assistência à criança, especificamente as creches. Contudo, a grande maioria esbarra em problemas metodológicos, que envolvem a escolha de instrumentos para avaliação, os procedimentos estatísticos, o tratamento de dados, a análise de resultados, etc.

Apesar das dificuldades metodológicas, entretanto, os estudos - internacionais e nacionais - apontam resultados convergentes.

No tocante ao desenvolvimento cognitivo, a maioria dos estudos mostra que as crianças de creche apresentam nível de desenvolvimento equivalente às que permanecem em seus lares (Adamson, 1971; Doyle, 1975; Doyle & Somers, 1973; Baber & Egeland, 1982; Larson, 1973; Rubenstein & Howes, 1979; Taylor, 1976). Alguns apontam mesmo um melhor desempenho para as crianças de creche (Caldwell, 1970; Clarke - Stewart, in preparation; Cochran, 1977; Fowler, 1978; Fowler & Khan, 1974; Garber & Heber, 1980; Golden et al., 1978; Kagan et al., 1978; Lally & Honig, 1977b; Macrae & Herbert-Jackson, 1976; Provost, 1980; Ramey et al., 1982; Robinson & Robinson, 1971; Rubenstein et al., 1981; Saunders & Keister, 1972, 1979; Winnett et al., 1977, apud Clarke-Stewart, 1983). É importante assinalar, entretanto, que nos estudos internacionais, apenas creches de alta qualidade foram estudadas, o que, sem dúvida, exerce influência sobre os resultados encontrados. O que acontece, entretanto, às crianças submetidas a um atendimento precário?

Peaslee (1976)-apud Clarke-Stewart, 1983 - estudando crianças de dois anos que haviam ingressado na creche desde a mais tenra infância, encontrou deficits de inteligência e linguagem. A proporção adulto-criança nas creches por ele estudada variava entre 1:16 a 1:24 e o atendimento limitava-se aos cuidados básicos.

Se nos EUA creches dessa natureza são raras, prevalecendo a filosofia de proporcionar uma "educação compensatória" à população de baixa renda, o mesmo não ocorre no Brasil - para uma análise crítica da tentativa de

implantação desta filosofia no Brasil, ver Krammer, S.: "A Bolética do pré-escolar: a arte do disfarce". O atendimento à população de baixa renda, além de escasso, é de qualidade extremamente precária. Rossetti Ferreira et al. (1984) estudaram 204 crianças em nove creches assistenciais da região de Ribeirão Preto. Destas crianças, 130 de 3 a 30 meses e 68 de 30 a 60 meses foram avaliadas através das Escalas de Desenvolvimento de Nancy Bayley (Bayley, 1933) ou da Escala de Inteligência Stanford-Binet forma L-M (Terman, Merrill, 1937). Os escores obtidos colocaram-se em geral num desvio-padrão abaixo da média esperada para a idade, conforme os padrões norte-americanos. Não se diferenciaram contudo dos índices descritos para amostras de crianças de baixa renda.

Os estudos brasileiros com população de alto nível sócio-econômico e creches e pré-escolas particulares, seguem as conclusões dos pesquisadores estrangeiros. Motta, M.E. (1984) estudou 108 crianças de classe média entre cinco e seis anos, cuja entrada na pré-escola havia se realizado entre nove meses e cinco anos de idade. Os testes revelaram diferença no desenvolvimento cognitivo para crianças que entraram mais precocemente ou mais tardiamente na creche ou pré-escola.

Um fator importante a ser ressaltado é a influência da idade da criança sobre os resultados encontrados. Abaixo dos 18 meses de idade o desenvolvimento cognitivo não parece ser prejudicado, mesmo na existência de fatores ambientais insatisfatórios (Cochrane, 1977; Fowler, 1978; Garber & Heber, 1980; Gordon et al., 1977; Lambie et al., 1974; Lally & Honig, 1977b; Ramey et al., 1982; Robinson & Robinson, 1971 - apud Clarke-Stewart, 1983; Rossetti Ferreira et al., 1984; Penna et al., 1985).

De acordo com a teoria de Bowlby, a separação da figura de apego provoca uma situação de desapego, o que é perigoso e deve sempre ser evitado. Sob esse ponto de vista, alerta pais e psicólogos para os possíveis perigos da creche, uma vez que esta envolve separação diária mãe-filho. A leitura da teoria do apego entretanto, que se limita ao estudo das separações de longa duração (em instituições ou hospitais), não nos autoriza a tirar conclusões precipitadas sobre o atendimento da creche, que envolve separações de curta duração. A teoria de Bowlby, portanto, de-

verá ser vista com cautela e se possível ampliada, de forma a abarcar uma gama mais ampla de situações de formação de vínculo.

Estudos de crianças de creche que focalizaram o conceito de apego afirmam que essas crianças são apegadas a suas mães e que esse apego não é substituído pelos desenvolvidos com outras figuras de cuidados. Embora as crianças de creche desenvolvam relações afetuosas com uma figura de cuidados na creche (Anderson, Nagle, Roberto & Smith, 1981; Cummings, 1980; Ricciuti, 1974 - apud Clarke-Stewart, 1983) elas ainda preferem suas mães a qualquer outra pessoa. Elas se dirigem para as mães quando querem a ajuda (Faran & Romey, 1977 - ibid) mantêm-se próximas a ela (Cummings, 1980; Farran & Romey, 1977; Finkelstein & Wilson, 1977; Kagan et al., 1978; Ragazin, 1975 - ibid); aproximam-se dela frequentemente (Bryant, Harris & Hewton, 1980; Mayall & Petrie, 1977 - ibid); procuram-na quando do tristes (Ragan et al., 1978; Lippman & Grote, 1974 - ibid) e interagem mais com ela (Finbelstein & Wilson, 1977 Ricciuti, 1974 - ibid). Na creche, não demonstram mais prazer no encontro matutino com a atendente do que com o reencontro com a mãe no final do dia. Resumindo, as crianças não agem como se atendente fosse uma mãe substituta.

Em relação à qualidade do apego, tampouco foi detectado qualquer tipo de prejuízo. Cadwell et al., 1970 - ibid - afirmam que quer a criança frequente ou não creches, não foram observadas diferenças na relação mãe-criança quanto à afiliação, hostilidade ou dependência. Na maioria dos estudos, não foram detectadas diferenças desfavoráveis nas medidas de apego das crianças de creche em relação às crianças que permanecem em seus lares (Belsky & Steinberg, 1976, Kilmer in press; Ricciuti, 1976; Rutter, 1982; Silverstein, 1977 - ibid; Rutter e Silverstein - ibid), propõe cautela, entretanto, em relação a crianças muito pequenas, que devem ser melhor estudadas a fim de proporcionar maior certeza sobre a inexistência de efeitos nocivos.

III. OBJETIVOS

As propostas do presente estudo foram:

- a) Realizar um levantamento das condições de atendimento de todas as creches municipais do Rio de Janeiro inscritas nas Secretarias Municipal e Estadual de Saúde.
- b) Detectar a influência dessas condições de atendimento no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças a elas submetidas.

IV. DEFINIÇÃO DE TERMOS

Creche:

Estabelecimento que assiste a crianças de zero a quatro anos, constituindo-se em organização especialmente destinada para tal fim e cujo regime de atendimento em questão - externato - caracteriza-se pelo retorno diário das crianças a seus lares, após terem permanecido em tempo integral na instituição.

Condições Ambientais Físico-Materiais da Creche:

Conjunto de características da instituição relativas a: especificações do espaço físico interno e externo, diversidade de materiais à disposição das crianças e qualificações das atividades propostas que possam ter uma influência sobre o desenvolvimento cognitivo.

Condições de que a Creche dispõe para a Formação do Vínculo Adulto-Criança:

Conjunto de características da instituição relativas a: adaptação das crianças na creche; relacionamento a tendente-crianças; relacionamento pais-creche; e interação creche-comunidade.

Desenvolvimento Cognitivo:

Em termos funcionais, representa a evolução dos mecanismos intelectuais e categorias cognitivas. Esta noção é utilizada na acepção que lhe dá J. Piaget, sobretudo em "A construção do real" (1974), "O nascimento da inteligência" (1975) e "A formação dos símbolos na criança" (1976), que descrevem as seis etapas da inteligência sensório-motora, própria às crianças de zero a 24 meses de idade, aproximadamente.

Em termos operacionais, foi afetado pelo nível

de desenvolvimento da criança na aquisição da noção de permanência de objeto, na coordenação de esquemas, e ante a diferenciação meios-fins ou surgimento da intencionalidade, representado pelo escore obtido no instrumento "As etapas da inteligência sensório-motora da criança de zero a dois anos", elaborada por J. Casati & J. Lézine.

Desenvolvimento Emocional:

Em termos funcionais, representa a evolução da capacidade que tem a criança de se apegar afetivamente a uma figura diferenciada e específica. Esta noção é utilizada na acepção que lhe dá J. Bowlby em "Apego", onde descreve as etapas de formação do vínculo.

Em termos operacionais, será aferido pela qualidade do apego - adequado ou inadequado - existente entre a criança e sua figura principal de cuidados, de acordo com os resultados obtidos na adaptação da técnica de "situação do estranho" (Bell, S. & Stayton, D., Ainsworth, M.).

V. HIPÓTESES

O estudo testou as seguintes hipóteses:

- a) As condições ambientais físico-materiais definidas como adequadas influenciam o desenvolvimento cognitivo das crianças.
- b) As condições ambientais físico-materiais definidas como adequadas não influenciam o desenvolvimento emocional das crianças.
- c) As condições para a formação de vínculos adulto-criança definidas como adequadas influenciam o desenvolvimento cognitivo.
- d) As condições para a formação de vínculo adulto-criança definidas como adequadas influenciam o desenvolvimento emocional.

VI. SUJEITOS

A unidade de amostra do presente estudo é a creche. Com a finalidade de se adquirir um conhecimento maior sobre esta instituição (incluindo a população que a frequenta), o processo de amostragem realizou-se em duas

etapas: uma primeira etapa de análise das condições de atendimento das creches e uma etapa posterior de avaliação dos níveis de desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças que as freqüentam.

Procedeu-se a um levantamento junto às creches registradas nas Secretarias Municipal e Estadual de Saúde, de forma a se obter uma população de creches externato que atendessem à crianças de 06 a 24 meses em tempo integral. Obteve-se um total de 123 instituições. Após um primeiro contato realizado pelos pesquisadores, 87 instituições dispuseram-se a participar do estudo. Foi realizada, em cada creche, uma entrevista com a diretoria, constando da aplicação de um questionário e de uma visita para conhecimento das condições de atendimento.

Das 87 creches participantes, 77 eram particulares, sete eram assistenciais e três eram de empresa, o que gerou uma primeira estratificação da amostra.

A análise dos questionários em termos de condições de atendimento conduziu a um segundo critério de estratificação, que separou as creches em: adequadas para o desenvolvimento emocional da criança (e); não adequada para o desenvolvimento emocional da criança (\bar{e}); adequadas para o desenvolvimento cognitivo da criança (c) e não adequadas para o desenvolvimento cognitivo da criança (\bar{c}). Com o duplo-critério de estratificação, formaram-se 12 grupos de creche, segundo o tipo de creche de um lado (particular, assistencial e de empresa), e as condições de atendimento de outro ((c,c); (c, \bar{c}); (e,c); (\bar{e} ,e)). Em cada grupo foram sorteadas 10% das creches (atingindo um total de 14).

Foi necessário trabalhar com desproporcionalidade dos grupos para garantir a participação de todos os tipos de creche na amostra.

Nas 14 creches sorteadas, foram avaliadas em termos de desenvolvimento emocional e cognitivo todas as crianças que tinham de 06 a 24 meses de idades; estavam na creche em horário integral desde o terceiro ou quarto mês de vida; possuíam mães que trabalhavam fora em horário integral; pais que tinham de 18 a 35 anos de idade e que eram o primeiro ou segundo filho do casal.

Foram encontradas 36 crianças que atendiam a essas características.

VII. INSTRUMENTOS

Para a avaliação das condições de atendimento das creches, foram construídos dois questionários. O primeiro, visava examinar as condições de que a creche dispunha para a formação do vínculo adulto-criança, através da investigação de: número de pessoas encarregadas por cada criança; quantidade de crianças submetidas aos cuidados de cada atendente; adaptação da criança na creche; relacionamento pais-creche e relacionamento creche-comunidade. O segundo questionário objetivava investigar as condições ambientais físico-materiais da creche através da verificação de: uso do espaço físico, diversidade de brinquedos e materiais, e preocupação pedagógica.

O nível de desenvolvimento emocional das crianças foi avaliado através do protocolo de observação das situações de interação adulto-criança-estranho. Este protocolo, construído a partir de uma adaptação da "Situação do Estranho" de M. Ainsworth, objetivava apreciar a evolução da relação de apego demonstrado pela criança em relação à atendente principal, em função das fases 2, 3 e 4 de desenvolvimento do apego propostas por John Bowlby. Ele compunha-se de quatro situações, a saber:

- 1 - Interação criança-atendente principal;
- 2 - Saída da atendente;
- 3 - Interação criança-estranho;
- 4 - Volta da atendente (interação criança-atendente-estranho)

O nível de desenvolvimento cognitivo das crianças foi analisado, utilizando-se a Escala de Inteligência Sensória-Motora de I. Casati e I. Lézine, traduzida para o português e com material adaptado. Este instrumento compõe-se de sete situações básicas que são propostas à criança através de material lúdico. Visa caracterizar o nível de desenvolvimento cognitivo alcançado pela criança ao: explorar objetos; buscar objetos desaparecidos; utilizar intermediários para alcançar um fim; e combinar objetos.

VIII. PROCEDIMENTOS

Os dados dos questionários elaborados para avaliação das condições de atendimento foram colhidos em entrevistas com a diretoria das creches e checados mediante uma visita de conhecimento das instituições.

As situações de interação adulto-criança-estranho em seus diferentes momentos foram conduzidas por duas pesquisadoras; uma delas atuava como estranho na relação observada enquanto a outra registrava as observações.

A escala de avaliação da inteligência sensório-motora foi aplicada por uma pesquisadora-experimentadora e as observações registradas por uma pesquisadora-observadora.

Todos os instrumentos foram pré-testados em uma creche particular, localizada na cidade de Niterói, onde foi conduzido um projeto-piloto do estudo em questão.

Os dados registrados foram analisados por dois juízos.

IX. ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

A aplicação dos questionários I e II possibilitou uma avaliação das creches da amostra em termos de adequação/inadequação das condições de atendimento, do ponto de vista emocional e cognitivo. Os quadros abaixo apresentam a distribuição das creches nestas categorias e as porcentagens obtidas a partir destes critérios.

NOTA: P = CRECHES PARTICULARES

QUADRO I

E = CRECHES DE EMPRESA

I - CONDIÇÕES DAS CRECHES PARA A FORMAÇÃO DO VÍNCULO ADULTO - CRIANÇA			TOTAL DE CRECHES						
ADEQUADAS			INADEQUADAS						
P	A	E	P	A	E				
62	--	--	4	--	--	66			
--	2	--	--	0	--	2			
--	--	1	--	--	1	2			
5	--	--	6	--	--	11			
--	0	--	--	5	--	5			
--	--	1	--	--	0	1			
TOTAL DE CRECHES			67	2	2	10	5	1	87

NOTA: P = CRECHES PARTICULARES A = CRECHES ASSISTENCIAIS E = CRECHES DE EMPRESA

QUADRO II

			I - CONDIÇÕES DAS CRECHES PARA A FORMAÇÃO DO VÍNCULO ADULTO- CRIANÇA						TOTAL DE CRECHES
			ADEQUADAS			INADEQUADAS			
			P	A	E	P	A	E	
II - CONDIÇÕES AMBIENTAIS FÍSICO-MATERIAIS DAS CRECHES	ADEQUADAS	P	71%	-	-	5%	-	-	76%
		A	-	2%	-	-	0	-	2%
		E	-	-	1%	-	-	1%	2%
	INADEQUADAS	P	6%	-	-	7%	-	-	13%
		A	-	0	-	-	6%	-	6%
		E	-	-	1%	-	-	0	1%
TOTAL DE CRECHES			77%	2%	2%	12%	6%	1%	100%

NOTA: P = CRECHES PARTICULARES A = CRECHES ASSISTENCIAIS E = CRECHES DE EMPRESA

A análise dos percentuais revelou pertinência com os critérios anteriormente previstos. A desproporção do número de creches assistenciais e de empresas em relação às privadas justifica-se para garantir a representatividade de daqueles tipos de creches na amostra.

A partir da aplicação da Escala de Avaliação da Inteligência Sensório-Motora, 34 em 36 crianças revelaram um nível de desenvolvimento cognitivo adequado (o que representou 94% das crianças) não havendo, contudo, variação que permitisse a aplicação do teste estatístico previsto no projeto. O mesmo fato foi observado no que se refere ao desenvolvimento emocional. Alcançaram um nível de desenvolvimento emocional dentro do esperado, 30 em 36 crianças; assim sendo, 83% das crianças apresentaram adequação em seu desenvolvimento emocional. Estes resultados serão analisados e minuciosamente interpretados adiante.

Não há, pois, diferença significativa entre os percentuais de desenvolvimento cognitivo e emocional: a diferença de 11% entre os percentuais não é significativa. Não houve, portanto, variação que permitisse a aplicação do teste estatístico.

Também não se justifica a aplicação do teste de X^2 (Siegel, 1956) para comparação entre creches com condições de atendimento adequadas e inadequadas, uma vez que apenas cinco entre todas as células apresentaram uma percentagem superior a 5%, limite estipulado como necessário.

Observa-se, entretanto, uma concomitância importante de resultados. Nas creches consideradas como possuindo condições inadequadas para o favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo, quando aplicados os protocolos para avaliação do desenvolvimento emocional, encontrou-se uma maior discrepância em relação às tabelas de resultados esperados.

Entre os critérios de amostragem utilizados, o que se mostrou mais relevante foi o regime de funcionamento externato - que se caracteriza pelo retorno diário da criança ao lar e, conseqüentemente, pela manutenção do vínculo afetivo primário entre a criança e sua mãe. Parece ser esta modalidade de atendimento uma contribuição decisiva para a adaptação da criança à nova experiência que lhe

é a creche.

X. ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS NO LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO DAS CRECHES

Apresentaram condições de atendimento, adequadas ao favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo, 74% das creches visitadas. Sendo que, entre estas, 71% pertenciam à categoria "creche particular". O que representou 81% da população de creches particulares (Vide também Quadro I).

QUADRO III

CRECHES PARTICULARES		QUESTIONÁRIO I		TOTAL
		CONDIÇÕES ADEQUADAS	CONDIÇÕES INADEQUADAS	
QUESTIONÁRIO II	CONDIÇÕES ADEQUADAS	81%	5%	86%
	CONDIÇÕES INADEQUADAS	6%	8%	14%
TOTAL		87%	13%	100%

Apresentaram condições de atendimento inadequadas ao favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo, 13% das creches visitadas. Sendo que, entre estas, 6% pertenciam à categoria "creche assistencial". O que representou 71% da população de creches assistenciais (Vide também Quadro I).

QUADRO IV

CRECHES ASSISTENCIAIS		QUESTIONÁRIO I		TOTAL
		CONDIÇÕES ADEQUADAS	CONDIÇÕES INADEQUADAS	
QUESTIONÁRIO II	CONDIÇÕES ADEQUADAS	29%	-	29%
	CONDIÇÕES INADEQUADAS	-	71%	71%
TOTAL		29%	71%	100%

NOTA: C. ADEQUADAS = CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO ADEQUADAS
C. INADEQUADAS = CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO INADEQUADAS

Em relação às três creches de empresa que participaram do estudo, distribuíram-se em uma das seguintes categorias: condições de atendimento adequadas ao favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo; condições de atendimento inadequadas ao favorecimento do desenvolvimento emocional e cognitivo; e condições de atendimento inadequadas ao favorecimento do desenvolvimento emocional e adequadas ao favorecimento do desenvolvimento cognitivo. Representando 1% das creches em cada uma destas categorias. Todavia, considerando-se apenas a população de creches de empresa, cada uma representou 33,33% desta população (Vide também Quadro I):

QUADRO V

CRECHES DE EMPRESA		QUESTIONÁRIO I		TOTAL
		CONDIÇÕES ADEQUADAS	CONDIÇÕES INADEQUADAS	
QUESTIONÁRIO II	CONDIÇÕES ADEQUADAS	33,33%	33,33%	66,66%
	CONDIÇÕES INADEQUADAS	33,33%	-	33,33%
TOTAL		66,66%	33,33%	100%

NOTA: C. ADEQUADAS = CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO ADEQUADAS
C. INADEQUADAS = CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO INADEQUADAS

Evidenciou-se no estudo que, além do respeito a certos padrões de funcionamento (estabelecidos no questionário I), são também fundamentais a qualidade da relação entre adultos e crianças e a valorização das relações afetivas na creche. Estes dois aspectos, tão intrinsecamente relacionados, não foram levados em conta na análise das condições de atendimento das creches, tendo emergido como um fator complementar.

Uma análise detalhada dos itens dos questionários para levantamento das condições de atendimento das creches põe em relevo que:

- em 68% das creches com condições favoráveis à vinculação há um pequeno número de funcionários encarregados por cada criança (no máximo, duas pessoas por criança); tal preocupação só se manifesta em 6% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;
- em 75% das creches com condições favoráveis à vinculação há uma proporção de, no máximo, cinco crianças submetidas aos cuidados de cada atendente; tal preocupação só se manifesta em 31% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;

- c) em 93% das creches com condições favoráveis à vinculação existe um período de adaptação lento e gradual da criança à creche com a presença de sua mãe na instituição; tal preocupação só se manifesta em 44% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;
- d) em 89% das creches com condições favoráveis à vinculação existe uma passagem gradual da criança de uma seção (ou turma) para outra na creche; tal preocupação só se manifesta em 38% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;
- e) em 55% das creches com condições favoráveis à vinculação existe a possibilidade da criança escolher sua atendente; tal preocupação só se manifesta em 6% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;
- f) em 97% das creches com condições favoráveis à vinculação existem reuniões periódicas da direção da creche com os pais das crianças; tal preocupação só se manifesta em 56% das creches com condições desfavoráveis à vinculação;
- g) não parece haver uma diferença significativa entre os percentuais de creches com boas e más condições para a formação do vínculo adulto-criança, quanto à possibilidade de contato das mães com seus filhos (respectivamente, 87% e 69%), e quanto à possibilidade de contato das mães com a atendente de seus filhos (respectivamente, 91% e 75%);

87%	69%	Possibilidade de contato mãe-criança
91%	75%	Interação creche-comunidade
97%	56%	Possibilidade de contato mãe-atendente
93%	44%	Existência de reuniões per- iódicas

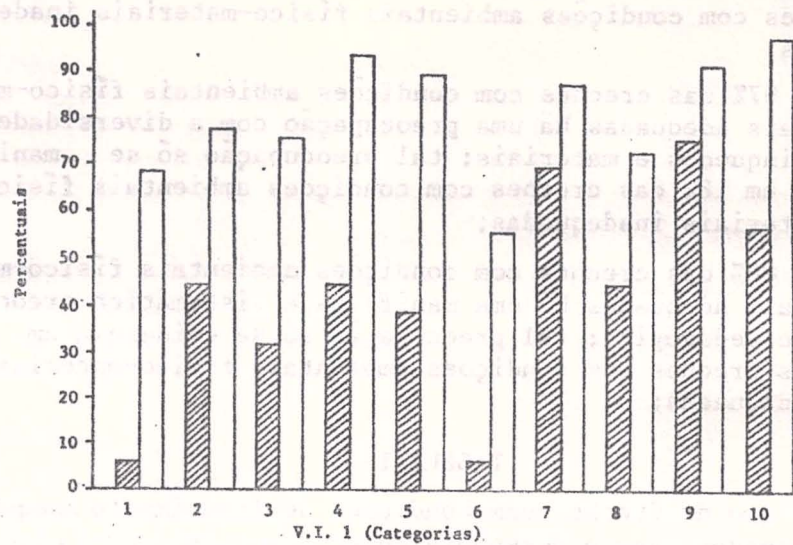
TABELA I

Proporção de Creches com Condições de Atendimento Adequadas/
Inadequadas para a Formação do Vínculo, de Forma Discrimina-
da Quanto às Categorias da V.I.1

V.I.1 (categorias)	% de Creches	Condições Ade- quadas para a Formação do Vínculo	Condições Ina- dequadas para a Formação do Vínculo
Proporção de 2 atendentes por criança		68%	6%
Inexistência de rodízio en- tre atendentes		77%	44%
Proporção de 5 crianças por atendente		75%	31%
Existência de período de adaptação à creche		93%	44%
Existência de mudança gradual de seção		89%	38%
Possibilidade de escolha da atendente		55%	6%
Possibilidade de contato mãe-criança		87%	69%
Interação creche-comunidade		72%	44%
Possibilidade de contato mãe-atendente		91%	75%
Existência de reuniões pe- riódicas		97%	56%

GRÁFICO I

PROPORÇÃO DE CRECHES COM CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO ADEQUADAS/INADEQUADAS PARA A FORMAÇÃO DO VÍNCULO, DE FORMA DISCRIMINADA QUANTO ÀS CATEGORIAS DA V. I. 1



V.I. 1 - Categorias:

1. Proporção de duas atendentes por crianças
2. Inexistência de escala de rodízio entre as atendentes
3. Proporção de cinco crianças por atendente
4. Existência de período de adaptação à creche
5. Existência de mudança gradual de seção
6. Possibilidade de escolha da atendente
7. Possibilidade de contato mãe-criança
8. Interação da creche com a comunidade
9. Possibilidade de contato mãe-atendente
10. Existência de reuniões periódicas na creche

☐ Creches com condições adequadas para a formação do vínculo adulto-criança
☒ Creches com condições inadequadas para a formação do vínculo adulto-criança

- h) em 81% das creches com condições ambientais físico-materiais adequadas há uma preocupação com o uso do espaço físico; tal preocupação só se manifesta em 24% das creches com condições ambientais físico-materiais inadequadas;
- g) em 97% das creches com condições ambientais físico-materiais adequadas há uma preocupação com a diversidade de brinquedos e materiais; tal preocupação só se manifesta em 18% das creches com condições ambientais físico-materiais inadequadas;
- j) em 88% das creches com condições ambientais físico-materiais adequadas há uma manifesta e sistemática preocupação pedagógica; tal preocupação só se evidencia em 24% das creches com condições ambientais físico-materiais inadequadas;

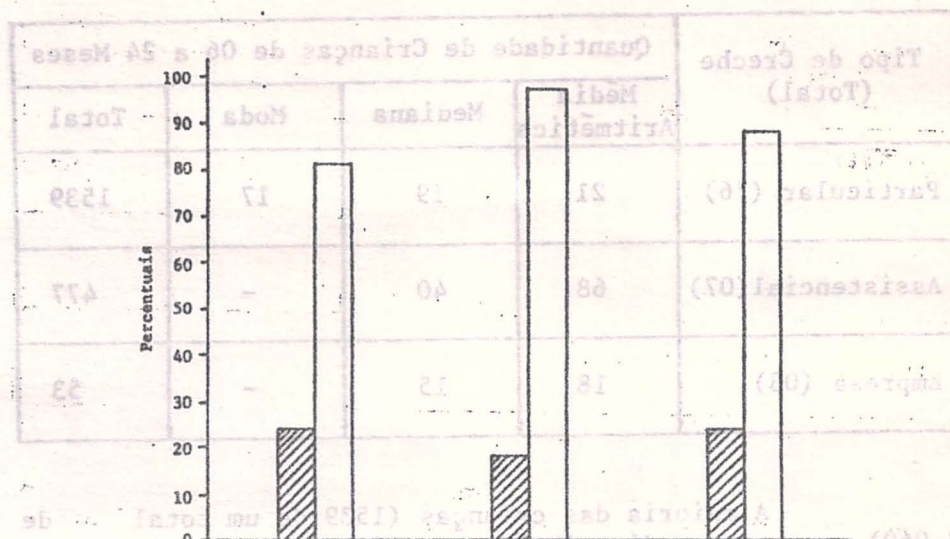
TABELA II

Proporção de Creches com Condições de Atendimento Adequadas/Inadequadas para o Desenvolvimento Cognitivo, de Forma Discriminada Quanto às Categorias da V.I.2

V.I.2 (Categorias)	% de Creches	Condições Adequadas para o Desenvolvimento Cognitivo	Condições Inadequadas para o Desenvolvimento Cognitivo
Uso do Espaço Físico	81%	24%	
Diversidade de Brinquedos e Materiais	97%	18%	
Preocupação Pedagógica	88%	24%	

IV QUADRO VI
GRÁFICO II

PROPORÇÃO DE CRECHES COM CONDIÇÕES DE ATENDIMENTO ADEQUADAS/INADEQUADAS PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, DE FORMA DIS - CRIMINADA QUANTO ÀS CATEGORIAS DA V.I.2



V.I.2 (categorias)

V.I.2 - Categorias:

1. Uso do espaço físico
2. Diversidade de brinquedos e materiais
3. Preocupação pedagógica

Creches com condições ambientais físico-materiais adequadas

Creches com condições ambientais físico-materiais inadequadas

Quantidade de crianças na faixa etária de 6 a 24 meses

QUADRO VI

Quantidade de Crianças na Faixa Etária de 06 a 24 Meses de
Acordo com o Tipo de Creche

Tipo de Creche (Total)	Quantidade de Crianças de 06 a 24 Meses			
	Média Aritmética	Mediana	Moda	Total
Particular (76)	21	19	17	1539
Assistencial(07)	68	40	-	477
Empresa (03)	18	15	-	53

A maioria das crianças (1539 de um total de 2.069) encontra-se distribuída nas 76 creches particulares, tendo estas uma média de 21 crianças na faixa etária supracitada. Porém, pôde-se perceber que as creches particulares anexas a pré-escola, tendem a possuir um maior número de crianças. Acreditamos que isto se deva à possibilidade da criança continuar a freqüentar a instituição após ter completado os quatro anos de idade, o que não só permite que a criança continue vinculada às pessoas que lhe têm sido significativas, como facilita a escolha de uma instituição para seus pais, que não precisarão selecionar uma pré-escola para seu filho antes dele atingir a idade para ingresso no 1º grau.

Por outro lado, um número também significativo de crianças (477) desta faixa etária encontra-se nas 7 creches assistenciais, o que faz com que estas instituições atendam, em média, 68 bebês cada. Conseqüentemente, pôde-se observar uma tendência à despersonalização no atendimento a estas crianças e uma menor possibilidade de interação dos

pais com a direção e funcionários da creche.

A média de crianças (18) nas creches de empresa é muito próxima à média encontrada nas creches particulares. Contudo é evidente que, face ao número de creches de empresa registradas e que participaram do estudo (3), muitas empresas não estão cumprindo a legislação vigente quanto à necessidade de abertura de creches; fazem convênio com creches afastadas do local de trabalho de seus funcionários - o que impossibilita a utilização das creches conveniadas - ou possuem creches não registradas nas Secretarias Municipal ou Estadual de Saúde.

c) Estruturação das creches

c.1) Particulares

De um modo geral, a linha de ação da creche particular depende da formação profissional da diretora que imprime sua marca pessoal ao funcionamento institucional. Podemos identificar, basicamente, três linhas de ação: uma primeira, pedagógica, na qual as creches são dirigidas por pedagogos; são anexas a pré-escolas; desenvolvem predominantemente atividades de cunho pedagógico (que propiciam basicamente o desenvolvimento cognitivo da criança); e estruturam-se fisicamente tal como uma mini-escola (seus cômodos têm mesinhas, cadeirinhas, controle de presença das crianças, etc). Creches de linha psicológica que caracterizam-se, de um modo geral, por: uma maior ênfase dada ao aspecto emocional do desenvolvimento; atividades programadas de forma mais flexível ao longo do dia; e por a instituição se aproximar mais a um lar que a uma escola. Também foram encontradas algumas creches cuja ênfase principal era o incentivo ao desenvolvimento psicomotor da criança e a maior interação da creche com a comunidade.

Observou-se ainda que, quando a creche tem pouco tempo de funcionamento e poucas crianças, sua abertura às mães costuma ser grande e informal. Porém, à medida que cresce o número de crianças, o atendimento se institucionaliza e a presença da mãe na creche passa a ser sentida como um fator dificultador do funcionamento da instituição.

Cabe ressaltar também que, muitas vezes, as creches desta categoria têm pouco tempo de vida, já que, por manterem um bom padrão de atendimento, não têm um retorno

do capital inicialmente investido.

c.2) Assistenciais

Pôde-se constatar que determinadas características consideradas "a priori" relevantes para que os pais desenvolvam um grau ótimo de confiança nas creches, tais como a existência de um período de adaptação lento e gradual da criança à creche com a presença de sua mãe na instituição, a possibilidade de contato da mãe com a(s) funcionária(s) encarregada(s) de seu filho sempre que for desejado, a possibilidade de contato da mãe com a criança a qualquer momento e a existência de reuniões periódicas entre os pais e a direção da creche, praticamente inexistem nas creches assistenciais devido a peculiaridades inerentes às famílias da população atendida. Estas, em média, caracterizam-se por mulheres trabalhadoras assalariadas, em grande maioria solteiras ou separadas não judicialmente, com rígidos períodos de trabalho e com pouca ou nenhuma disponibilidade para ir à creche fora do horário de entrada e saída das crianças. Quanto a este último, cabe ressaltar que, geralmente, as creches assistenciais fixam seu horário para entrada e saída das crianças de forma inflexível. Tendo sido observado, inclusive, a utilização de medidas punitivas em caso de atraso.

As observações colhidas, em especial, nestas creches, mostram a importância do "efeito de contexto" da instituição, isto é, do aspecto qualitativo e subjetivo do atendimento, bem como das relações estabelecidas entre direção, funcionários e famílias, aspecto este, que se mostrou especialmente importante na comparação de duas creches desta categoria. Na primeira, com instalações extremamente precárias e um grande número de crianças por atendente (numa relação de quinze por um), as relações direção - funcionários - família eram boas, havendo um ambiente acolhedor e amistoso, o que repercutia positivamente nas crianças. Na segunda, as instalações, o número de brinquedos, de técnicos e funcionários garantiam boas condições de trabalho. No entanto, o atendimento era inadequado, burocratizado e impessoal. Os efeitos podiam ser observados nas crianças.

Outro dado evidenciado foi que todas as creches assistenciais observadas classificavam-se de forma ex

trema (Vide Quadros VII e VIII abaixo): ou possuíam boas condições de atendimento (que favoreciam a vinculação e o desenvolvimento cognitivo), ou más condições de atendimento (que desfavoreciam a vinculação e o desenvolvimento cognitivo). Não houve caso em que se encontrasse uma creche assistencial com uma das duas categorias relativas a condições de atendimento favorável e a outra, conseqüentemente, desfavorável.

QUADRO VII

Classificação das Creches que Participaram da 2.^a Fase do Estudo Quanto a Condições para a Formação do Vínculo Adulto-Criança

V.I.1 (Categorias)	Tipo de Creche	Adequadas										Inadequadas				
		I							II		III		I		III	
		A	B	C	D	E	F	L	G	H	M	I	J	N	O	
Proporção de duas aten- dentes por criança	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	0		
Inexistência de rodízio entre atendentes	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0		
Proporção de 5 crianças por atendente	1	0	0	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1		
Existência de período de adaptação à creche	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	0	1	0	1		
Existência de mudança gradual de seção	0	0	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1		
Possibilidade de escol- ha da atendente	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0		
Possibilidade de conta- to mãe-criança	0	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	0	1		
Interação creche-comu- nidade	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0		
Possibilidade de conta- to mãe-atendente	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1		
Existência de reuniões periódicas	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0		
Total	8	7	7	8	7	10	8	9	9	8	5	5	4	5		

Cod.: 1 -Existência
0 -Inexistência

I -Particulares
II -Assistenciais
III -Empresa

A, B...0 -creches sorteadas

QUADRO VIII

Classificação das Creches que Participaram da 2ª Fase do Estudo Quanto a Condições Ambientais Físico-Materiais, de Forma Discriminada

V.I.2 (Categorias)	Tipos de Creche	Adequadas										Inadequadas				
		I							II	III		I		II	III	
		A	B	C	D	E	F	O	G	H	N	J	L	I	M	
Uso do espaço físico		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	
Diversidade de brinquedos e materiais		0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	
Preocupação pedagógica		1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	
Total		2	2	2	3	3	3	3	3	2	3	0	1	0	0	

Cod.: 1 -Existência I -Particulares A,B... creches sorteadas
 0 -Inexistência II -Assistenciais
 III -Empresa

c.3) De Empresa

A maioria das creches de empresa não é registrada nas Secretarias de Saúde e pertencem a órgãos públicos, tendo sido criadas a partir de reivindicações dos próprios funcionários. Apenas uma creche de empresa não estatal encontra-se registrada na Secretaria de Saúde. Mas esta, quando contactada durante o levantamento, não quis participar do estudo. As empresas particulares, de um modo geral, não possuem creches ou firmam convênio com creches distantes do local de trabalho de seus funcionários, o que os impossibilita de utilizá-las. Entre as creches participantes, houve um caso de creche de sindicato. Todas as creches visitadas localizavam-se em prédios. Uma das creches, que participou na fase de le

vantamento das condições de atendimento, não pôde participar na fase de avaliação dos níveis de desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças, pois quando contactada durante esta etapa, não tinha crianças que atendessem aos pré-requisitos estipulados na amostragem. Não foi possível a sua substituição por ser a única de sua categoria.

XI. ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS NA AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os instrumentos utilizados para avaliação dos níveis de desenvolvimento infantil, dos pontos de vista emocional e cognitivo, possibilitaram a obtenção de dados brutos, que foram analisados segundo procedimentos específicos. Serão descritos inicialmente estes procedimentos para oferecer em seguida uma interpretação dos resultados.

O desenvolvimento emocional consiste, segundo a aceção que lhe dá J.Bowlby (1984) em sua obra, na evolução da capacidade que tem o bebê de se ligar a uma figura diferenciada específica. Cabe observar, que grande parte dos estudos realizados sobre o comportamento de apego focalizam a relação entre a criança e sua mãe. O presente trabalho focaliza a relação entre a criança e uma figura adulta, substitutiva da mãe: a atendente da creche.

A natureza e evolução deste vínculo foram avaliadas a partir da técnica da situação do estranho (Ainsworth et alii, 1971); cuja padronização é descrita a seguir.

A observação é realizada ao longo de quatro episódios de aproximadamente três minutos cada. No primeiro, a atendente entra na sala de observação com a criança, e interage com ela. No segundo episódio, a atendente sai da sala e deixa a criança sozinha; a duração deste episódio poderá ser encurtada se a criança demonstrar intensa ansiedade. O terceiro episódio inicia-se com a entrada do estranho, que procura interagir com a criança. A observação finaliza-se com o quarto episódio, em que a atendente retorna à sala.

Um observador, presente da forma mais neutra possível, registra em folha de observação padronizada, a existência/inexistência de 15 comportamentos definidos a partir

da teoria de Bowlby, e que permitirão avaliar a natureza do vínculo apresentado pelo sujeito.

Para avaliação do nível de desenvolvimento cognitivo, foi utilizado um instrumento elaborado por Casati e Lézine, a partir da obra de Piaget - em particular "O nascimento da inteligência na criança" (1975) e "A construção do real na criança" (1974).

Este instrumento propõe uma sequência de sete séries ou situações-problema, que a criança poderá resolver em função de seu nível de desenvolvimento. Cada série subdivide-se em itens hierarquizados, que permitem classificar as condutas observadas situando-as relativamente às etapas descritas por Piaget.

As observações são anotadas em folha de registro padronizada, que apresenta o conjunto de todas as condutas possíveis, hierarquicamente organizadas. Cada item é registrado em termos positivo (+) ou negativo (-). A notação (+) é atribuída às condutas que correspondem ao nível expresso pelo item, enquanto que a notação (-) significa o não-aparecimento destas condutas.

O registro e análise das observações são descritos no Manual de Aplicação (Casati e Lézine,). A avaliação global baseia-se no melhor desempenho obtido em qualquer uma das séries. Portanto, um sujeito que apresente condutas do subestágio V em uma das séries, será classificado como tal mesmo que sua conduta permaneça em níveis inferiores para as outras séries.

1. A Primeira Etapa: Os Dados Brutos

a) O desenvolvimento emocional

As observações relativas a cada sujeito possibilitaram avaliar a natureza do vínculo criança-atendente. Cabe lembrar que a atendente não se equipara inteiramente à figura materna, apesar de substituí-la no âmbito da creche. Serão diferenciados, portanto, ambos os personagens, atribuindo-se à atendente características próprias.

De acordo com o contexto teórico escolhido (Bowlby, 1984, págs. 284-285), pode-se caracterizar o comportamento da criança, a partir de três meses, da seguinte

maneira:

- O quadro a seguir indica em que etapa encontram-se os sujeitos, de acordo com sua idade.

35

QUADRO IX

Etapas do Desenvolvimento Emocional

Idade (em meses)	Etapas	Etapa I (social não se- letiva)	Etapa II (Vínculo e ansie- dade ao es- tranho)	Etapa III (social seletiva)	Não Clas- sificá- vel	Número de sujei- tos
6m		'''				3
7m						-
8m			''			2
9m			'			1
10m						-
11m			'			1
12m			''			2
13m			''''			4
14m			'			1
15m				''		2
16m		'	'	'		3
17m				''''		4
18m		'				1
19m				'''		3
20m		'		''	''	5
21m				'''		3
22m				'		1
23m						-
24m						-
Total de sujeitos						36

Observações de natureza qualitativa, e ocorri - das durante o trabalho de campo, mostram que a situação de estranho, quando realizada no próprio berçário ou sala habitual de permanência do sujeito, e não em local separado, provocava menos ansiedade. A familiaridade com o espaço, no qual, se desenvolveu a avaliação do desenvolvimento infantil é, portanto, fator importante a ser considerado. Outro aspecto a ser mencionado refere-se à utilização de brinquedos pela atendente, ao interagir com a criança. De fato, verificou-se em alguns casos que o sujeito, quando estava muito interessado pelos brinquedos, pouca atenção prestava à saída da atendente. A permanência de brinquedos pouco conhecidos ou atrativos em demasia pode, portanto, interferir na situação do estranho.

b) O desenvolvimento cognitivo

Conforme apresentado anteriormente, cada sujeito é avaliado a partir do registro das observações, e de acordo com a análise proposta pelas autoras da escala no manual de aplicação.

As observações permitiram, portanto, avaliar o nível de desenvolvimento cognitivo em termos de subestágios que apresentam características específicas:

- no subestágio III encontram-se os primeiros comportamentos intencionais; no entanto, a diferenciação entre meios e fins é incipiente, e as ações do sujeito não objetivam um fim previamente estabelecido, mas são registradas quando surge um resultado que o interessa;
- a categoria intermediária, de passagem do subestágio III para o subestágio IV (III/IV) descreve as condutas que apresentam novas conquistas relativamente ao subestágio III, sem todavia caracterizar um pleno acesso ao estágio IV;
- o subestágio IV, por sua vez, é definido pela coordenação entre esquemas já conhecidos, e que são utilizados enquanto meios para alcançar um objetivo previamente estabelecido;
- a passagem do subestágio IV para o subestágio V (IV/V) corresponde, como categoria III/IV, às condutas indicadoras de um progresso em relação ao subestágio IV, que não configura ainda o subestágio V;

- no subestágio V, observa-se o aparecimento de novas condutas. A criança descobrirá, por ensaios e erros, e por uma "experimentação ativa" a partir de esquemas já conhecidos, meios novos e originais que lhe permitirão resolver os problemas que se lhe apresentam;
- na passagem do subestágio V para o subestágio VI(V/VI), a criança demonstra novas aquisições, mas que não chegam a caracterizar as condutas típicas do subestágio VI;
- "o subestágio VI, cujas manifestações são observáveis de 16 a 24 meses, marca o fim do período sensório-motor e a transição para o período seguinte: o período da inteligência representativa" (Casati e Lézine, p. 8). A criança já não precisa "experimentar" seus instrumentos: ela alcança sem tateios uma compreensão das situações, comparável ao "insight". Neste subestágio, a aquisição da representação possibilita a invenção de novas condutas por uma combinação, ou dedução, que não se utiliza da ação efetiva. O quadro seguinte apresenta os resultados obtidos por cada sujeito em função de sua idade.

QUADRO X

Etapas do Desenvolvimento Cognitivo

idade (meses) \ estágios	III	III/IV	IV	IV/V	V	V/VI	VI	não classificável	nº de sujeitos
6m	''	''							3
7m									0
8m		'	'						2
9m			'						1
10m									0
11m			'						1
12m				''					2
13m				'''				'	4
14m						'			1
15m				'		'			2
16m						'	'	'	3
17m						'''	'		4
18m						'			1
19m						''	'		3
20m					''	''	'		5
21m							'''		3
22m							'		1
23m									0
24m									0
Total de Sujeitos	1	3	3	6	2	15	4	2	36

Antes de explicitar os procedimentos que caracterizam a segunda etapa da análise dos dados, serão apresentados alguns comentários sobre o desempenho dos sujeitos relativamente à situação de avaliação do desenvolvimento cognitivo.

As observações referentes ao desenvolvimento cognitivo são realizadas a partir de 7 (sete) situações básicas, que exploram quatro áreas específicas, descritas por Piaget em sua obra (Piaget, 1974 e 1975). São elas:

- a categoria de objeto permanente (Piaget, 1974), na qual são evidenciadas as condutas de busca ativa de objetos desaparecidos ou escondidos atrás de obstáculos (anteparos).
- a utilização de intermediários (Piaget, 1975): interpõe-se diversos intermediários "entre o estímulo da ação e seu resultado", intermediários estes a serem utilizados pelos sujeitos como meios para alcançar objetos. Três tipos de condutas são aqui estudados: duas são relativas à utilização do prolongamento do objeto (cordão e suporte), isto é, objeto e suporte apresentam uma relação de contato direto; e a terceira conduta refere-se à utilização de instrumentos (ancinho e bastão).
- a exploração de objetos (espelho, caixa de fósforos): nessa situação, uma parte do objeto deverá ser progressivamente relacionada com a totalidade do objeto, levando a uma definição pelo uso.
- a combinação de objetos (tubo e ancinho, tubo e correntinha) evidencia a invenção prática de novos meios, através da relação a ser estabelecida entre dois objetos para resolver um problema - extrair uma bolinha colocada no tubo, ou nele introduzir uma corrente.

Cabe observar que a utilização de intermediários, a exploração e combinação de objetos possibilitam a análise da construção de mecanismos intelectuais de apreensão do mundo exterior, tal como se encontra descrita por Piaget em "O nascimento da inteligência" (1975). Estas séries evidenciam, portanto, aspectos tais como a coordenação de esquemas, a diferenciação meios-fim, ou o aparecimento da intencionalidade. A série relativa à busca de objetos desaparecidos diferencia-se das anteriores, pois que trata da categoria de objeto permanente, uma das categorias estudada -

das por Piaget em "A construção do real" (1974). Neste texto, o autor focaliza as etapas de progressiva organização do mundo exterior, a partir da permanência dos objetos e em termos espaço-temporais e causais.

Trata-se aqui, de discutir desempenho dos sujeitos relativamente a todas essas séries, ou mais particularmente, a coerência e homogeneidade do conjunto de resultados obtidos por cada sujeito.

Observa-se, com efeito, que as respostas à série da busca do objeto desaparecido apresentam, para os sujeitos de mais de 11-12 meses, e comparativamente às outras séries, uma aceleração. Em outras palavras, o subestágio alcançado para a categoria de objeto permanente é quase sempre mais elevado do que para as outras séries.

As séries de utilização de intermediários (cordão, suporte e ancinho) geraram respostas extremamente variáveis, sem que se possa entretanto observar alguma regularidade. Cabe assinalar, por exemplo, um frequente interesse pelo ancinho enquanto tal, o que em muitos casos dificultou a realização da tarefa - alcançar um objeto com o ancinho para trazê-lo a si. Ainda no que se refere ao ancinho, várias crianças não apresentaram desempenho satisfatório, mas demonstraram saber utilizar a régua ou vareta para trazer a si um objeto afastado. Estes resultados configuram-se como problemáticos, uma vez que a utilização adequada da régua ou vareta deveria ser interpretada, de acordo com as autoras da escala, como de nível superior à utilização adequada do ancinho.

De maneira geral, as séries de utilização de intermediários foram as que maior número de dificuldade provocaram, no sentido que, em muitos casos, as crianças não pareciam compreender claramente o objetivo da tarefa. Assim é que nestas séries, bem como na série relativa à combinação de objetos (tubo e correntinha), observaram-se os mais fracos desempenhos.

A dificuldade de compreensão dos objetivos das situações não foi sistemática. A série de busca do objeto desaparecido e, em menos grau, a série de exploração de objetos e do tubo com a bolinha (combinação) foram quase sempre as mais atraentes, e melhor sucedidas.

Finalmente, na série de exploração de objetos, "a abertura e o fechamento da caixa" evidenciou dificuldades motoras (a nível de motricidade fina), que independem diretamente do desempenho cognitivo propriamente dito.

Em conclusão, observou-se em vários sujeitos uma certa heterogeneidade de desempenho relativamente ao conjunto de situações. Fatores tais como desinteresse, cansaço ou fome explicam parcialmente este fato. Cabe ressaltar, todavia, que esta relativa heterogeneidade não compromete a avaliação do desempenho cognitivo dos sujeitos, pois que esse desempenho mantém uma coerência global. Entenda-se por coerência global o fato de que os resultados situam-se todos em torno de um mesmo subestágio. Casos em que as respostas apresentavam maior discrepância, como, por exemplo, fraco desempenho na busca do objeto desaparecido comparativamente a resultados muito mais elevados em outras séries, foram considerados como não-classificáveis.

2. A Segunda Etapa: Análise e Discussão

Uma vez que a fundamentação teórica deste trabalho caracteriza-se por sua dimensão desenvolvimentista, torna-se necessário introduzir na análise dos resultados um critério de adequação/inadequação em função da faixa etária dos sujeitos. Consequentemente, os dados brutos, formulados em termos de níveis cognitivos e natureza do vínculo adulto-criança, serão relacionados com a idade cronológica dos sujeitos. Obtém-se, assim, uma nova avaliação que é descrita a seguir.

Do ponto de vista emocional, e segundo as observações de Bowlby, é possível definir, a partir das etapas de desenvolvimento do vínculo adulto-criança, três grupos etários. Obtém-se, assim:

Grupo I: Sujeitos de 6 meses a 8 meses

Grupo II: Sujeitos de 8 meses a 15 meses

Grupo III: Sujeitos de 15 meses a 24 meses

Em cada um desses grupos será observado, portanto, um tipo determinado de condutas, que correspondem às aquelas descritas mais acima. Pode-se esperar que no GI (6 a 8 meses), o bebê estabeleça relações amistosas com as

pessoas em geral, sem apresentar preferências: trata-se de uma fase "social não-seletiva". No GII (8 a 15 meses), a preferência pela figura materna é acompanhada de reações contrárias à presença de estranhos: será utilizada a expressão - "vínculo com ansiedade de separação". No GIII (14 a 24 meses), ao estabelecimento de vínculos com figuras específicas, com aceitação do estranho, corresponde a fase "social seletiva". Cria-se, então, um padrão de normalidade, que permitirá uma análise dos dados brutos em termos de um desenvolvimento adequado (notação 1) ou inadequado (notação 0) relativamente às idades.

Do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo, procedeu-se da mesma maneira, isto é, criou-se um padrão de normalidade relacionando etapas intelectuais com faixas etárias. A fim de manter uma homogeneidade entre os resultados obtidos para os aspectos cognitivos e emocional, decidiu-se utilizar os mesmo grupos etários, quais sejam: GI - 6 a 8 meses; GII - 8 a 15 meses e GIII - 15 a 24 meses.

No primeiro grupo é esperado que, com 6 a 7 meses, o bebê apresente condutas adaptadas e uma intencionalidade inicial, manifestada na tentativa de manter espectáculos interessantes. Em outras palavras, uma criança nesta faixa etária deverá situar-se no subestágio III, aceitando-se a passagem posterior para o subestágio IV (III/IV). No GII (8 a 14 meses incluídos), a criança deverá coordenar esquemas para alcançar fins previamente estabelecidos, demonstrando dessa forma uma clara intencionalidade. Classificar-se-á como adequado a esta faixa etária, o subestágio IV; aceitar-se-á como casos limites aqueles sujeitos que se encontram na passagem para este subestágio (aqueles que se encontram em III/IV), ou que dele estão saindo para ascender ao subestágio V (classificação IV/V). Vale observar que, de maneira geral, serão considerados não-adequados (notação 0) aqueles casos que apresentam atraso relativamente ao padrão de normalidade, isto é, que situam-se em níveis inferiores àqueles esperados em relação a faixa etária. Os casos que se encontram em níveis superiores aos esperados foram aceitos como normais ou adequados (notação 1). Um sujeito de 14 meses, por exemplo, foi avaliado como estando no nível V/VI (passagem do subestágio V para o subestágio VI), nível superior ao esperado para sua idade, e considerado como adequado.

Se o GIII, cobrindo a faixa etária dos 15 a 24 meses, é homogêneo do ponto de vista emocional (fase social seletiva), pode-se indagar se deveria subdividir-se quanto aos níveis cognitivos, pois que inclui os subestágios V e VI, e a passagem de um para o outro (V/VI). Após estudo dos níveis obtidos pelos sujeitos destas idades, optou-se por mantê-lo tal qual. De fato - e estes resultados serão discutidos mais adiante - verifica-se para esta faixa etária uma maior variação ou heterogeneidade, que torna difícil a tentativa de estabelecimento de um padrão de normalidade para estes sujeitos.

A definição destas categorias em termos de faixas etárias e comportamentos esperados, tanto do ponto de vista emocional como do ponto de vista cognitivo, possibilitou uma reavaliação dos dados brutos, segundo um critério de adequação (1) ou inadequação (2).

As tabelas seguintes apresentam estes resultados, em forma de frequência.

TABELA III

Análise dos Níveis de Desenvolvimento Emocional em Termos de Adequação/Inadequação por Faixa Etária

Adequação/Inadequação Grupos Etários	Adequado (1)	Inadequado (0)	Total
GI (6 a 8 meses)	3	0	3
GII (8 a 15 meses)	11	0	11
GIII (15 a 24 meses)	16	6	22
Total (%)	30 (83%)	6 (17%)	36 (100%)

TABELA IV

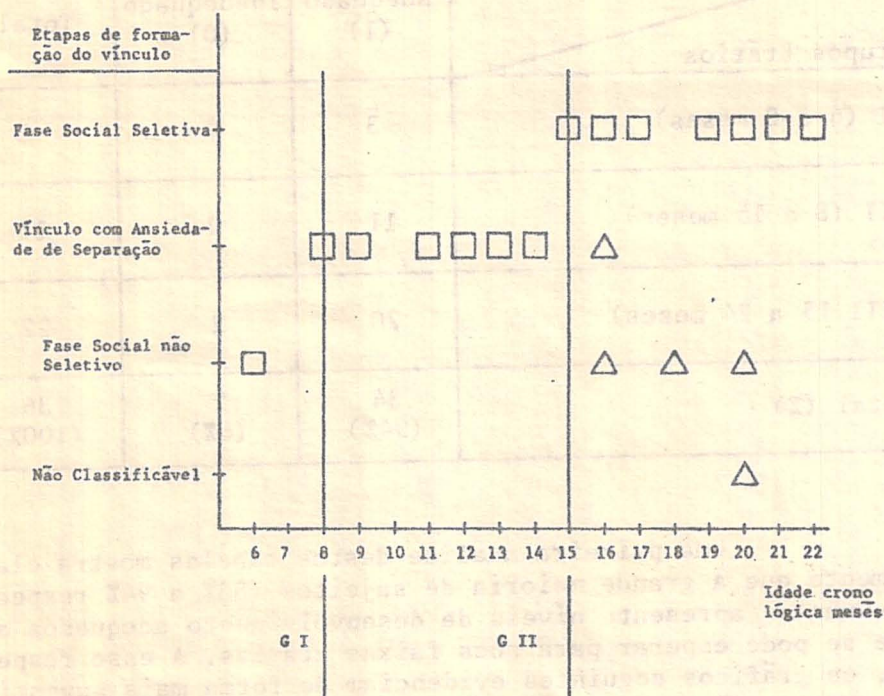
Análise dos Níveis de Desenvolvimento Cognitivo em Termos de Adequação/Inadequação por Faixa Etária

Adequação/Inadequação	Adequado (1)	Inadequado (0)	Total
Grupos Etários			
GI (6 a 8 meses)	3	0	3
GII (8 a 15 meses)	11	0	11
GIII (15 a 24 meses)	20	2	22
Total (%)	34 (94%)	2 (6%)	36 (100%)

Uma primeira análise destas tabelas mostra claramente que a grande maioria de sujeitos (83% a 94% respectivamente) apresenta níveis de desenvolvimento adequados ao que se pode esperar para suas faixas etárias. A esse respeito, os gráficos seguintes evidenciam de forma mais sugestiva este resultado.

GRÁFICO III

COMPARAÇÃO ENTRE RESULTADOS OBSERVADOS ADEQUADOS E INADEQUADOS DO PONTO DE VISTA EMOCIONAL



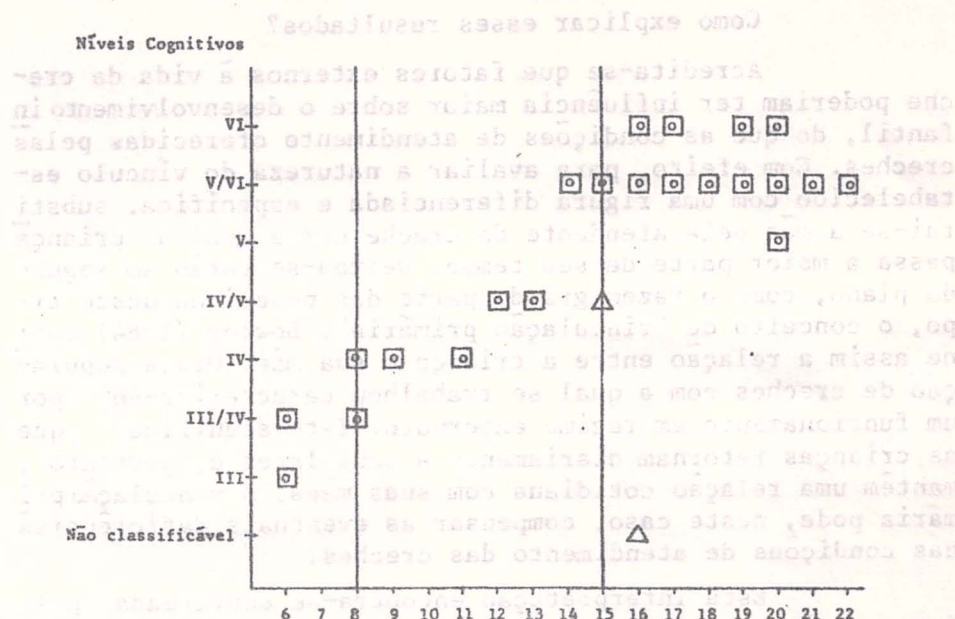
CÓDIGO:

- Resultado Adequado
- △ Resultados Inadequados

G I Grupo I de Sujeitos
G II Grupo II de Sujeitos
G III Grupo III de Sujeitos

Em segundo lugar, cabe ressaltar que a comparação entre condutas esperadas e observadas manifesta-se única e sistematicamente para o grupo etário de 12 a 24 meses (GIII), quer para o teste de inteligência, quer para o teste de linguagem.

GRÁFICO IV
COMPARAÇÃO ENTRE RESULTADOS OBSERVADOS ADEQUADOS E INADEQUADOS DO PONTO DE VISTA COGNITIVO



CÓDIGO:

- Resultados adequados
- △ Resultados inadequados

- G I Grupo I de sujeitos
- G II Grupo II de sujeitos
- G III Grupo III de sujeitos

Em segundo lugar, cabe ressaltar que a não-adequação entre condutas esperadas e observadas manifesta-se única e sistematicamente para o grupo etário de 15 a 24 meses (GIII), quer para o desenvolvimento emocional, quer para o cognitivo.

Como explicar esses resultados?

Acredita-se que fatores externos à vida da creche poderiam ter influência maior sobre o desenvolvimento infantil, do que as condições de atendimento oferecidas pelas creches. Com efeito, para avaliar a natureza do vínculo estabelecido com uma figura diferenciada e específica, substituiu-se a mãe pela atendente da creche com a qual a criança passa a maior parte de seu tempo. Deixou-se então em segundo plano, como o fazem grande parte das pesquisas deste tipo, o conceito de "vinculação primária". Bowlby (1984) define assim a relação entre a criança e sua mãe. Ora, a população de creches com a qual se trabalhou caracteriza-se por um funcionamento em regime externato. Isto significa que as crianças retornam diariamente a seus lares e, portanto, mantêm uma relação cotidiana com suas mães. A vinculação primária pode, neste caso, compensar as eventuais deficiências nas condições de atendimento das creches.

Esta interpretação encontra-se confirmada pelo fato que é permitido o contato da mãe com seu filho a qualquer momento (item 7 do questionário I para avaliação das condições de atendimento das creches), em 87% das creches que apresentam condições de atendimento adequadas e em 69% das creches com condições de atendimento inadequadas (Gráfico I). Esta possibilidade de contato da mãe com seu filho, quando ela o deseja, não só permite como reforça a vinculação primária entre os dois.

Confirmam igualmente esta interpretação os estudos de Rubstein et al. e Stith e Davis que objetivam uma análise comparativa do desenvolvimento de crianças que frequentam creches e de crianças que permanecem em seus lares com suas mães. Estes estudos concluem que existe uma diferença significativa, para as crianças de creches, entre a qualidade de apego vivenciado nos lares e nas creches. Não há, entretanto, diferença significativa entre os dois grupos de crianças no que concerne às habilidades cognitivas e motoras. Estes resultados são interpretados em função da no

ção de vinculação primária, como "uma relativa invulnerabilidade daquelas crianças (de creche) às situações diárias de separação das suas mães, a despeito de condições de atendimento de baixa qualidade das creches" (Stith e Davis).

No entanto, esta interpretação - que deverá ser verificada em futuros estudos - é mais diretamente vinculada ao desenvolvimento emocional, e não é suficientemente abrangente do ponto de vista teórico para dar conta dos resultados observados em termos cognitivos.

Ainda no que concerne ao desenvolvimento infantil, considerado em seu duplo aspecto emocional e cognitivo, outro fator merece ser mencionado. Trata-se, desta vez, de uma característica própria à vida da creche: o convívio cotidiano das crianças entre si, e sua relação com o fenômeno mais abrangente da socialização. Todavia pesquisas bibliográficas em andamento, sobre a socialização entre bebês de idade inferior a 24 meses, revelam que esta abordagem parece ser pouco explorada.

De modo geral, a discrepância verificada entre condutas observadas e esperadas, para crianças maiores de 15 meses, parece indicar que influências externas, mesmo que existentes desde os primeiros meses de vida, manifestam-se efetivamente somente a partir de idade mais avançada.

Pesquisas comparativas, originadas na psicologia piagetiana verificaram que, apesar de crianças e adolescentes de diversos meios culturais apresentarem diferentes ritmos de desenvolvimento cognitivo, bebês africanos, até aproximadamente dois anos de idade, não se distinguem dos bebês europeus quanto ao seu desenvolvimento intelectual.

Parece-nos possível refletir sobre uma interpretação mais global, que não exclui as discussões anteriores. De fato, esses resultados levariam à aceitação da idéia, que surge nos trabalhos mais recentes sobre os bebês de que, ao nascer, o ser humano seria dotado de um repertório complexo e completo de mecanismos (essencialmente adaptativos), entre os quais alguns são posteriormente selecionados e mantidos a partir da especificidade do meio em que vive. Com estes pressupostos, pode-se pensar, então, que as influências externas, materiais ou humanas, manifestam-se somente a partir de idade mais avançada.

Cabe entretanto notar, e esta observação foi feita com frequência pelas responsáveis das creches, que as crianças que entram nas creches com três meses de idade (geralmente após a licença-maternidade de uma mãe profissional) distinguem-se daquelas que entram mais velhas. Verificam-se diferenças no sentido de uma maior autonomia nas primeiras que, por exemplo, falam mais, comem mais cedo, etc. Poderia-se, então, pensar na creche enquanto meio específico - e a socialização seria uma característica importante deste meio - que solicitaria determinados aspectos do desenvolvimento infantil.

Voltando agora ao contexto mais específico deste trabalho, uma análise caso por caso parece mostrar que o desenvolvimento infantil não está direta ou inteiramente vinculado às condições de atendimento oferecidas pelas creches. Assim, dois sujeitos do GI, ambos com seis meses de idade, situam-se no subestágio III de desenvolvimento cognitivo, mas pertencem, o primeiro a uma creche particular qualificada como tendo condições adequadas de atendimento, e o segundo a uma creche assistencial com condições inadequadas de atendimento. Um segundo exemplo, refere-se a criança de 20 meses (GIII) que apresentam níveis de desenvolvimento idênticos, mas pertencem a creches caracterizadas de forma oposta no que concerne a suas condições de atendimento.

Focalizando agora aqueles sujeitos, cujo desenvolvimento foi avaliado enquanto defasado relativamente à sua faixa etária, verifica-se, para o aspecto emocional (vide Tabela III), que quatro entre as seis crianças pertencem a creches qualificadas como inadequadas quanto às condições de atendimento relacionadas à formação do vínculo adulto-criança.

Dessas quatro crianças, uma (20 meses) não foi classificada, pois não foi possível realizar o quarto episódio da situação do estranho - quando o retorno da atendente junto à criança possibilita confirmar a preferência pela atendente. As três outras crianças (16, 18 e 20 meses) foram avaliadas como estando numa fase social não seletiva - que caracteriza a primeira etapa de formação do vínculo para a faixa etária de 6 a 8 meses - uma vez que não demonstraram reações contrárias à presença do estranho, nem

uma preferência pela atendente no momento de seu retorno.

No entanto, se quatro sujeitos, dentre esses seis cujo desenvolvimento emocional não corresponde ao esperado, pertencem a creches com condições de atendimento inadequadas, as duas últimas crianças frequentam creches cujo atendimento foi considerado adequado (do ponto de vista emocional). A primeira criança (16 meses) apresentou reações de intensa ansiedade com a saída da atendente, comportamento típico da segunda fase (vínculo, com ansiedade de separação). A outra (20 meses) não mostrou preferência pela atendente, o que foi interpretado como fase social não seletiva.

Uma análise similar para o desenvolvimento cognitivo (vide Tabela IV) mostra que duas, entre as 22 crianças de 15 a 24 meses, apresentaram condutas não adequadas às esperadas para sua idade. A primeira (15 meses) situa-se na passagem do subestágio IV para o subestágio V, verificando-se, portanto, um ligeiro atraso de desenvolvimento. Este sujeito pertence a uma creche particular, caracteriza da como possuindo condições inadequadas de atendimento, quer para o desenvolvimento cognitivo, quer para o emocional. A outra criança (16 meses) frequenta uma creche particular, considerada como apresentando boas condições de atendimento; não foi possível avaliar seu nível de desenvolvimento cognitivo (categoria "não-classificável"), uma vez que, observou-se uma grande variabilidade de suas condutas, que oscilavam entre os subestágios IV e VI.

A irregularidade desses dados parece, portanto, indicar que, apesar de existirem casos em que se verifica uma concomitância entre as duas variáveis, não se pode relacionar sistematicamente o tipo de atendimento oferecido por uma creche, com os níveis de desenvolvimento das crianças que ali permanecem.

XIII. CONCLUSÃO

Os resultados finais, insuficientes para a verificação das hipóteses inicialmente previstas, apontam, no entanto, algumas conclusões.

A primeira diz respeito à não-variação observada no desenvolvimento infantil para a faixa etária dos seis

aos quinze meses. Estes resultados parecem-nos importantes, pois confirmariam a tese de que, ao nascer, o bebê seria dotado de um repertório complexo de mecanismos que, em contato com um meio de solicitações materiais e sociais, seriam selecionados e mantidos.

A variabilidade das condutas observadas, quer na perspectiva cognitiva, quer na emocional, para os sujeitos de mais de quinze meses confirma, no entanto, a influência de fatores externos sobre o desenvolvimento infantil.

É neste sentido que, apesar de que o inicialmente estabelecido como condições inadequadas de atendimento não se mostrou prejudicial ao desenvolvimento infantil, torna-se necessário definir padrões mínimos de funcionamento para as creches, face à inexistência dos mesmos. Estes, no entanto, serão desenvolvidos oportunamente com os dados colhidos nesta pesquisa.

Ainda para explicar a aparente independência entre o tipo de atendimento oferecido pelas creches e os níveis observados de desenvolvimento infantil, pode-se evocar um fator externo à vida da creche, que garantiria um desenvolvimento emocional adequado nos dois primeiros anos de vida: o conceito de vinculação primária (Bowlby, 1984). Esta vinculação, estabelecida entre o bebê e a figura materna, poderia ser apontada como fator explicativo, sobretudo se considerarmos que todas as creches estudadas caracterizam-se por um regime externato, onde as crianças retornam diariamente a seus lares, mantendo uma relação com sua família. Além disso, em sua grande maioria, essas instituições valorizam a continuidade dessa relação na medida em que as mães podem, a qualquer momento, entrar em contato com seus filhos.

Esses fatos também nos levam a deixar de pensar a creche como uma instituição que tem características negativas para o desenvolvimento infantil, pois que sempre marcada pela ausência da mãe. Podemos então pensá-la em seu aspecto positivo e próprio: o convívio socializador de crianças de baixa idade. Futuras pesquisas explicitarão melhor esta modalidade de socialização.

Pode-se ressaltar, finalmente, a necessidade de estudos comparativos sobre o desenvolvimento de crianças, que frequentam creches externatos, com aquelas que permanecem

BIBLIOGRAFIA

- AINSWORTH, M. Attachment and dependency: a comparison. In: Attachment and dependency. Washington, Winston & Sons, 1973.
- AINSWORTH, M. & BELL, S.M. Some contemporary patterns of mother-infant interaction in the feeding situation. In: Stimulation in early infancy. N.Y., Academic Press, 1969.
- _____. Attachment, exploration and separation: illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. In: Child Development, 41: 49-67. 1970.
- _____. Mother-infant interaction and the development of competence. In: The growth of competence. N.Y. Academic Press, 1974.
- AINSWORTH, M.; BELL, S.M.; STAYTON, D.J. Individual differences in the development of some attachment behaviors. In: Merril-Palmer Quarterly, 18: 123-143. 1972.
- _____. Infant-mother attachment and social development: "socialization" as a product of reciprocal responsiveness to signals. In: The Integration of a child a social world. Cambridge. Cambridge University Press, 1974.
- AINSWORTH, M. et al. Physical contact: a study of infant responsiveness and its relation to handling. Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development. Minneapolis, 1971.
- BOWLBY, J. Cuidados maternos e saúde mental. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- _____. Apego. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- CAMPOS, J.J. et al. Socioemotional development. In: Handbook of child development. N.Y., John Wiley & Sons, 1983. V.4.
- CLARKE-STEWART, K.A. & FEIN, G.G. Early childhood programs. In: Handbook of child development. N.Y., John Wiley & Sons, 1983. V.4.

- MALTA CAMPOS, M.M. As creches no Brasil. Trabalho mimeografado apresentado à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a situação da Mulher. Fundação Carlos Chagas, 1977.
- MOTTA, M.E. Análise do cuidado e educação pré-escolar. Tese de doutorado, RJ, PUC, 1984.
- PENNA, M.M.S. et al. Influência das condições de atendimento das creches no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. R.J. FGV/ISOP. 1985.
- PIAGET, J. Psicologia da inteligência. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.
- _____. Epistemologia genética. Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____. A construção do real. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- _____. O nascimento da inteligência. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- _____. A formação dos símbolos na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. Psicologia da criança. São Paulo, Difel, 1980.
- ROSSETTI FERREIRA, M.C. et al. A creche favorece ou prejudica o desenvolvimento psicológico da criança pobre? S.P. USP/FFCLRB/Departamento de Psicologia e Educação. 1984.
- _____. O desempenho da criança de creche, em teste de prontidão para alfabetização. SP. USP/FFCLRB/Departamento de Psicologia e Educação. 1984.
- _____. Avaliação longitudinal do desenvolvimento psicológico de crianças em creches. SP/USP/FFVLRB/Departamento de Psicologia e Educação. 1984.



N.Cham. P/ISOP CPGP T 3

Título: Psicologia do desenvolvimento: influencias das
condições de atendimento das creches no desenvolvimento



00050611
32613

FGV - BMHS

Nº Pat.:1636/87



